



RELATO DE EXPERIÊNCIA

Da apuração ao romance: a construção de *Meu Caro Abdias* entre jornalismo, literatura e narrativa

Mariana Capelo Barroso Silva; marianacapelo@gmail.com
Orientadora: Dione Moura.

RESUMO

Este artigo analisa o processo de construção do romance biográfico *Meu Caro Abdias*, desenvolvido a partir da trajetória do jornalista Abdias Silva. O objetivo é discutir de que modo habilidades jornalísticas, literárias e narrativas se articulam na elaboração de uma obra situada entre a biografia e o romance. Defende-se que a apuração jornalística constituiu a base metodológica do projeto, enquanto os recursos literários e narrativos permitiram organizar, interpretar e dar forma estética ao material recolhido. Ao longo do processo, entrevistas, pesquisa documental, levantamento de fontes e organização de acervo mostraram-se decisivos para sustentar a verossimilhança do texto. Ao mesmo tempo, a escolha do diálogo, da estrutura não linear e do desdobramento do protagonista em diferentes tempos de vida tornou possível uma abordagem mais complexa da memória e da identidade. Conclui-se que o romance biográfico se afirma, nesse caso, como uma forma híbrida, em que o rigor investigativo do jornalismo e a liberdade formal da literatura não se excluem, mas se complementam.

Palavras-chave: romance biográfico; jornalismo literário; biografia; narrativa; apuração.



1. Introdução

A escrita de uma vida real em forma de romance implica um duplo desafio: manter compromisso com os vestígios documentais e, ao mesmo tempo, construir uma narrativa capaz de conferir unidade, densidade e ritmo aos fragmentos recolhidos. No caso de *Meu Caro Abdias*, essa tensão constitui o núcleo do projeto. A obra foi concebida a partir da trajetória do jornalista Abdias Silva e se desenvolveu como um experimento de aproximação entre o jornalismo, a literatura e a narrativa biográfica.

A questão central que orienta esta reflexão é a seguinte: de que modo as habilidades jornalísticas, especialmente a apuração, podem contribuir para a elaboração de um romance biográfico? Mais do que relatar a vida de uma personagem real, interessa compreender os procedimentos que tornam possível a transposição de dados, documentos, memórias e testemunhos para uma forma literária. Parte-se, portanto, da hipótese de que o romance biográfico, longe de representar abandono do rigor factual, depende intensamente dele para produzir um texto ficcionalmente elaborado, mas eticamente ancorado na realidade.

2. A apuração jornalística como fundamento do romance biográfico

A gênese do livro está ligada a uma motivação afetiva posteriormente convertida em problema de pesquisa e criação: Abdias Silva é avô da autora e pesquisadora. A passagem da homenagem íntima para a construção de uma obra exigiu a mobilização de competências próprias do jornalismo, como investigação, escuta, pesquisa documental, entrevista, organização de dados e seleção de fatos relevantes. Nesse sentido, o fazer jornalístico e o fazer biográfico apresentam uma proximidade estrutural. O jornalista, habituado a reconstruir acontecimentos e trajetórias a partir de indícios e depoimentos, encontra na biografia um território em que a própria



formação metodológica se revela particularmente produtiva para a construção de uma obra de maior fôlego, ancorada em uma personagem construída a partir de uma pessoa real.

Essa base metodológica foi decisiva para a construção de *Meu Caro Abdias*. O processo envolveu pré-apuração, levantamento de fontes, busca em acervos públicos e privados, consulta a jornais, cartas, fotografias, documentos audiovisuais e registros institucionais. Foram realizadas entrevistas com mais de 30 fontes e pesquisas em espaços como a Fundação Casa de Rui Barbosa, o Museu Hipólito da Costa, O Instituto Moreira Salles arquivos de grandes jornais — como o Jornal do Brasil eo Correio do Povo — arquivos fotográficos e acervos pessoais de diversas fontes. Também teve papel central a correspondência que o biografado manteve, por quase toda a vida, com um amigo de infância que tornou-se colega de profissão: o jornalista Carlos Castello Branco. As mais de 80 cartas entre os dois piauienses que foram acessadas na pesquisa não foram as únicas usadas no trabalho. A comunicação epistolar era um hábito frequente e, ao longo da pesquisa, muitos textos autorais do biografado foram encontrados. Esses relatos íntimos, em primeira pessoa, posteriormente influenciaram a própria forma do romance.

A amplitude desse levantamento demonstra que a obra não se fundamenta em lembranças difusas nem em livre fantasia. Ao contrário, foi elaborada a partir de um conjunto expressivo de vestígios, cuja organização permitiu reconstituir contextos, episódios e traços de personalidade. Nesse processo, a apuração não funcionou apenas como etapa preliminar, mas como o próprio alicerce da escrita. Fontes oficiais e documentos formais, embora indispensáveis, não bastavam para captar a singularidade do personagem. Por isso, o trabalho com depoimentos e recordações pessoais tornou-se essencial para alcançar a dimensão humana do biografado.



Esse aspecto é particularmente relevante porque põe em evidência um problema metodológico clássico das narrativas de vida: a memória. As entrevistas, especialmente com pessoas próximas e idosas, revelaram não apenas fatos, mas também afetos, silêncios, enquadramentos e interpretações do passado. A escuta jornalística mostrou-se fundamental para lidar com a instabilidade das lembranças e para transformar relatos subjetivos em matéria narrativa consistente. Por outro lado, a narrativa literária foi capaz de respeitar e utilizar essas nuances da memória, transpondo para o texto a delicadeza e as nuances que envolvem as lembranças pessoais. O trabalho de pesquisa não consistiu apenas em recolher o que era dito, mas também em perceber os modos pelos quais o passado era elaborado pelas fontes e, posteriormente, organizar de forma fiel com o biografado e, também com a memória que havia sobre ele.

3. Entre apuração e literatura

Se a apuração foi a base do projeto, a literatura entrou em cena como forma de organizar, condensar e dar expressão estética ao material recolhido. A relação entre verdade factual e elaboração ficcional não se apresenta, aqui, como oposição rígida. Propõe-se, antes, uma convivência entre documentação e invenção, desde que esta última se submeta à coerência do universo real pesquisado. Nesse sentido, a obra se aproxima de uma lógica de invenção controlada, na qual os vazios deixados pela documentação podem ser preenchidos de forma verossímil, sem desrespeito à trajetória efetiva do biografado. Nesse sentido, em muitos momentos, diante da impossibilidade de recriar o real, o que se buscou foi um “efeito do real”, estruturado a partir do resultado da apuração.

A literatura torna-se necessária justamente porque nenhuma vida é plenamente documentável. Sempre restam zonas opacas: pensamentos não registrados, cenas



sem testemunha, hábitos cotidianos que não deixaram arquivo. A função do romance biográfico consiste, então, em transformar esses fragmentos em continuidade sensível. Para isso, a criação não é acionada como licença para falsear, mas como recurso para ligar episódios, preencher interstícios e construir cenas plausíveis. No entanto, vale ressaltar que essa criação deve ser fiel ao material pesquisado, e não apenas uma criação livre e fantasiosa. Assim, a liberdade literária só se torna legítima porque se ancora em pesquisa prévia suficientemente robusta.

Essa concepção também se relaciona com a impossibilidade de totalizar uma vida. Nenhum texto consegue abarcar integralmente a experiência de um indivíduo. A biografia, portanto, não é reprodução exaustiva do vivido, mas recorte interpretativo. O gesto autoral consiste em selecionar acontecimentos, passagens e conflitos capazes de revelar uma trajetória, de criar uma essência do ser real. Em *Meu Caro Abdias*, isso significou abandonar qualquer pretensão de completude em favor de uma construção narrativa concentrada nos momentos mais expressivos da formação e transformação do personagem.

4. A configuração de *Meu Caro Abdias*

A narrativa de *Meu Caro Abdias* utiliza o diálogo como princípio organizador da narrativa. A obra organiza a experiência biográfica a partir de uma situação central: uma viagem de navio em que duas personagens se tornam amigas. Ao longo do percurso, passam a narrar episódios das próprias vidas. Essa trama básica, contudo, abriga um deslocamento decisivo: as duas personagens são, na verdade, representações de Abdias em fases distintas da vida. A própria viagem de navio é um elemento que representa um fato decisivo na vida de Abdias: a viagem do Piauí para o Rio Grande do Sul a bordo de um navio Itanajé — fato que mudou a vida do biografado. O romance põe em cena, portanto, o encontro entre diferentes tempos do



mesmo sujeito. Com isso, a narrativa transforma a biografia em confronto entre passado e futuro, juventude e maturidade, expectativa e experiência.

Essa escolha formal decorre de uma concepção específica de identidade. A obra parte do entendimento de que um indivíduo não permanece idêntico a si mesmo ao longo da vida. O tempo, a experiência e os papéis sociais fazem com que uma mesma pessoa se desdobre em várias figuras de si mesma. Em consequência, a representação biográfica não pode tratar o biografado como unidade estável, imutável e transparente. Em *Meu Caro Abdias*, esse problema é resolvido pela multiplicação da personagem: Abdias aparece dividido em duas versões distintas, todas inspiradas na mesma pessoa real, mas cada uma delas marcada por uma fase da existência. O ponto de encontro (a viagem de navio) é também o elemento que permitiria que um Abdias se transformasse no outro.

Portanto, o romance funciona em dois núcleos narrativos. O primeiro é a trama cardinal, delimitada por um espaço-tempo definido: a viagem de navio. Esse núcleo é conduzido pelo narrador e oferece unidade externa ao texto. O segundo é formado por histórias capilares, sem regra temporal fixa, que surgem principalmente nos diálogos entre as personagens. Essas histórias laterais expandem o universo do romance para além do navio e permitem que a vida de Abdias seja reconstituída em camadas, por aproximações sucessivas. O livro, desse modo, propõe uma leitura por níveis: enquanto a viagem avança, outras histórias se abrem, se entrecruzam e ampliam o sentido da personagem principal. Esse diálogo entre os dois Abdias, que estrutura boa parte da obra, também tem forte vinculação com a vida do biografado: diversos trechos de falas e histórias secundárias foram construídos a partir de relatos retirados de cartas e diários do próprio Abdias. Ou seja: a voz em primeira pessoa utilizada no texto é a do próprio Abdias, livro serve como aparato para dar voz ao próprio biografado.



Essa arquitetura permite resolver um dos problemas centrais da biografia: a impossibilidade de contar uma vida inteira de modo exaustivo. Em vez de perseguir completude, a obra trabalha com recortes significativos. A viagem de navio serve como eixo ordenador, mas o romance ultrapassa esse limite espacial e temporal para incorporar episódios de toda a trajetória de Abdias. A narrativa começa antes do embarque e termina muito depois da chegada, convertendo o navio em dispositivo de memória e de narração.

A divisão de Abdias em duas figuras principais também organiza os materiais temáticos da narrativa. O Abdias menino concentra as histórias da juventude do biografado em Campo Maior, a ida para Porto Alegre, o contato com Érico e os vínculos com os amigos de infância. Já o Abdias mais velho abrange os episódios da vida adulta e madura, desde a chegada a Porto Alegre até a morte, incluindo conselhos sentimentais, observações sobre o jornalismo, anedotas cotidianas e reflexões produzidas pela experiência. A diferenciação entre essas duas vozes não é apenas cronológica; ela é tonal, psicológica e narrativa. A construção das duas personagens foi feita a partir de todo o material apurado, buscando respeitar a identidade do biografado.

Nesse contexto, o diálogo ocupa posição central. Mais do que recurso estilístico, ele constitui a fórmula narrativa do romance. O texto reduz a predominância do narrador e transfere à fala das personagens a tarefa de contar boa parte da história. Essa opção permite que o biografado seja apresentado por meio de sua própria voz, ainda que sob forma ficcionalizada. Ao privilegiar o diálogo, a obra evita a rigidez de uma narração excessivamente explicativa e ganha em mobilidade, dramatização e densidade subjetiva. As ações mais importantes das histórias capilares não são mostradas diretamente pelo narrador; elas chegam ao leitor como ações contadas



pelas personagens. Isso faz com que a narrativa se organize em torno da relação entre fala, memória e identidade.

Embora a obra privilegie a voz das personagens, não elimina a mediação narrativa. Ao narrador cabe organizar a trama cardinal, orientar a progressão do texto e garantir que os diferentes níveis de história componham uma unidade significativa. Em alguns momentos, sua voz incorpora sinais de subjetividade das personagens, aproximando-se delas sem lhes retirar autonomia. Há, assim, um movimento de alternância entre contar e mostrar, entre mediação e dramatização, sempre com o objetivo de permitir que a história pareça se contar a si mesma. Essa estratégia reforça o projeto maior do romance: diminuir a centralidade do narrador para ampliar a presença do biografado como voz.

Também é importante notar que *Meu Caro Abdias* não se encerra no romance propriamente dito. O trabalho inclui uma segunda parte composta por reproduções de objetos e elementos reais da vida de Abdias, como fotografias, textos autorais e recortes de jornal. Essa seção funciona como apresentação complementar da figura histórica que inspira as personagens e oferece ao leitor outro regime de acesso ao biografado. Se o romance organiza a matéria da vida em forma narrativa, essa parte documental amplia a experiência de leitura ao mostrar vestígios concretos da trajetória do biografado.

Em síntese, *Meu Caro Abdias* configura-se como obra híbrida que transforma a vida de Abdias Silva em experiência narrativa por meio de uma combinação singular entre diálogo, memória, estrutura em camadas e desdobramento da personagem. O romance se organiza a partir de um encontro impossível, mas verossímil dentro da lógica da obra: o encontro de Abdias consigo mesmo em diferente fase da vida. Essa solução formal permite superar a linearidade biográfica tradicional e construir uma



representação mais complexa da identidade, marcada pela mudança, pela contradição e pela permanência de uma essência. Ao fazer do diálogo o centro da narração, a obra desloca o eixo da biografia para a voz do biografado e transforma a reconstrução de uma vida em arquitetura literária.

5. Coesão e Coerência e verossimilhança

A decisão de romper com a linearidade temporal e propor um encontro entre a mesma pessoa vem com impasses na organização do conteúdo. A primeira reação seria a de cifrar, tentar disfarçar as lacunas – principalmente temporais-, para “normalizar” a narrativa. No entanto, este posicionamento compromete o sentido maior e a unidade da obra; o narrador não deve preocupar-se em disfarçar a impossibilidade do encontro, pelo contrário, cabe a ele assumir essa posição, porque os disfarces rompem com os marcos históricos da vida do biografado, o que compromete a relação com o real. A unidade do trabalho não é alcançada pelo encaixe e disfarce das impossibilidades temporais, e sim pela coerência, como explica Othon Garcia (2010): “Unidade e coerência têm características próprias, mas quase sempre a falta de uma resulta na ausência da outra”. O sentido não vem da lógica, mas sim da verossimilhança, da coesão e da coerência. O narrador propõe a narrativa sem esconder nem disfarçar sua estrutura, ele deve assumir o lugar de fala e a narrativa livre. Não cabe ao narrador explicar o que ele pretendeu fazer, basta a ele realizar.

Como autora, é preciso bancar as decisões criativas da estrutura narrativa. Se a proposta é criar mais de uma personagem a partir da mesma pessoa e, ainda mais que isso, um encontro entre essas duas personagens, não se pode cifrar o texto para tentar disfarçar esta decisão na estrutura narrativa. É preciso assumir o encontro da forma mais natural, e aceitar o caráter fantástico por completo para que o texto não fique tolhido ou truncado. O desprendimento com as impossibilidades temporais e



físicas deixa a narrativa mais natural. É importante não criar personagens que têm um nome numa parte e outro noutra. Como a história de Abdias envolve personalidades famosas, não identificá-las rompe com um marco histórico. Para evoluir nessa construção é preciso despreocupar-se com a possibilidade do leitor perceber que as duas pessoas tratam-se de apenas uma. É preciso se despreocupar em relação ao “não saber”. Para adotar tal recurso, é preciso recorrer à liberdade poética: várias ‘eus’ conversam entre si, e, nesse ambiente fantástico, o sentido e a unidade estarão amarrados pela coerência, pela verossimilhança e pela coesão, porque o narrador não pode controlar como seu leitor vai entrar no texto, mas ele deve preparar o ambiente com todas as ferramentas para que ninguém se perca.

A verossimilhança é um problema da relação entre a ficção e a realidade. Ela é responsável pelo efeito de real de uma narrativa, é o que torna toda uma história crível. Dentro de uma biografia, ela tem todas essas obrigações mas, mais do que tornar a narrativa verossímil, ela tem uma realidade específica como parâmetro para essa aproximação, a realidade do biografado. Não é uma verossimilhança descomprometida, que só deve satisfações à realidade propriamente dita, é uma verossimilhança relacionada, casada com a realidade do biografado.

O parâmetro para a criação da verossimilhança no romance biográfico vem da pesquisa. A pesquisa cria um ambiente que assegura ao narrador competência para criar situações que, apesar de fictícias, têm relação íntima com o real, que se aproximam da realidade. Mais importante que o real é o inteligível, ou seja, formas de entender este real. A verossimilhança cria um efeito de real e dá ferramentas para o leitor entender todo esse ambiente criativo. Um exemplo prático da utilização da verossimilhança se dá na edição de um documentário, e a forma como são usadas as informações. O documentário em vídeo recria situações verossímeis de acordo com a vontade e o estilo do diretor. Narrador não tem o mesmo lugar de fala que as personagens.



5. A construção narrativa: diálogo, tempo e desdobramento do personagem

Uma das contribuições mais importantes do projeto está na escolha da estrutura narrativa. O formato final do livro não foi imediato. Antes da definição pelo romance biográfico dialogado, foram consideradas possibilidades como a grande reportagem e a organização de textos do próprio Abdias em uma espécie de mosaico biográfico. A forma adotada surgiu apenas após sucessivas versões e discussões teóricas e estruturais.

Como já mostrado, O diálogo tem função central no trabalho. Mais do que recurso estilístico, ele se torna princípio organizador da obra e permite dar voz ao biografado. O personagem deixa de ser apenas descrito para passar a se apresentar pela própria fala, por suas escolhas vocabulares, hesitações, lembranças e reações. O procedimento também favorece a multiplicidade de perspectivas e a construção de uma leitura menos expositiva e mais experiencial. Muitos trechos da correspondência real do biografado foram incorporados ao romance e transformados em fala dialogada. Essa operação aproxima documento e ficção, preservando algo da voz autêntica do biografado. Trata-se de uma escolha particularmente significativa, pois reduz a distância entre a matéria documental e a elaboração literária, convertendo o arquivo em elemento vivo da narrativa.

A seguir, alguns exemplos da construção dos diálogos a partir do material apurado:

Em carta de Abdias ao amigo Zuckauscas, sem data:

“ bem, velho zuckas, a verdade é que sobrevivemos e chegamos mais longe do que talvez pudéssemos pensar. Quer dizer, vencemos. E fizemos o mais difícil- vencemos



honestamente, sem passar ninguém para trás e nem atropelas os direitos de quem quer que fosse.”

Como ficou no romance biográfico:

- “ Talvez não toda a bondade do mundo, mas já seria uma boa prova de que ela ainda existe. Vou te contar, rapaz, que eu já vi muita gente terrivelmente mais medíocre que eu vencer na vida, e de forma não muito convencional. É triste, e seria uma vitória ver uma pessoa boa sobreviver, caminhar e chegar ao topo. E o mais difícil: honestamente, sem passar ninguém para trás e nem atropelar os direitos de quem quer que seja.
- Como pode ter tanta certeza de que eu não serei um desses de quem você fala? Me conhece há alguns dias...
- Eu sou um homem de idade, acho que já aprendi alguma coisa sobre as pessoas. Você não me parece do tipo que passaria alguém para trás.
- Acho que você está certo- o menino abaixou a cabeça – acho que não sou mesmo - Apertou os olhos com o polegar e o indicador e chorou.
- Ô, menino, não chora que eu choro também.”

Em carta de Abdias ao amigo Zuckauscas, sem data:

- “vejo algumas crônicas antigas minhas e chego a pensar que estou desaprendendo a escrever, temo que no fim da vida terminarei analfabeto.”

Como ficou no romance biográfico, na forma de diálogo:

- “ E você pensa em escrever algum dia um livro contando tudo isso?
- Acho que não. Até já me falaram isso... mas acho que é preguiça. Ou então é porque estou desaprendendo a escrever. Às vezes olho uma crônica minha antiga e penso: “Mas fui eu mesmo que escrevi isso?”, chego a pensar que estou desaprendendo a escrever, temo que no fim da vida terminarei analfabeto”.



Em carta de Abdias ao amigo Carlos Castelo Branco, em 1940:

“consola-me saber que estamos quase sempre pensando um no outro, com uma grande vontade de vencer como se esta fosse a melhor maneira de mandar notícias aos companheiros. E não será?”

Como ficou no romance biográfico, na forma de diálogo:

- “ Não, não... é ansiedade mesmo... o coração cheio de dúvidas. E o que aconteceu com sua história em Teresina, em Campo Maior? Como ficou seu passado lá?

- Olha, eu não sabia se a minha pequena geração chegaria a ter a própria história. Passamos muitos anos sem nos escrever, cada um empenhado em vencer, como se essa fosse a melhor maneira de enviar notícias aos companheiros.

O rapaz não respondeu imediatamente. De repente, falou num sussurro:

- E não será?

Abdias também não respondeu de imediato. Pensava naquilo: e não seria mesmo? No escuro, passava a mão nos cabelos, como se os arrumasse para trás”.

6. Jornalismo, literatura e composição narrativa

O processo de construção de *Meu Caro Abdias* demonstra a convergência de três conjuntos de habilidades. O primeiro é o conjunto jornalístico, responsável pela sustentação factual da obra. Nele se incluem a apuração, a entrevista, a pesquisa documental, a checagem, a contextualização histórica e a seleção do que é narrativamente relevante. Sem esse trabalho, o romance perderia densidade referencial e consistência biográfica.



O segundo conjunto é o literário. Ele se manifesta na elaboração da linguagem, na criação de atmosfera, na construção das cenas, no manejo dos silêncios e na produção de verossimilhança. É a dimensão literária que permite ao texto ultrapassar a condição de relato informativo e alcançar espessura estética. Ao transformar documentos, lembranças e fatos em experiência de leitura, mobilizam-se competências que não pertencem mais apenas ao campo da reportagem, mas ao da escrita de criação.

O terceiro conjunto é o narrativo. Aqui entram as decisões relativas à arquitetura da obra: foco narrativo, estrutura temporal, organização dos episódios, distribuição de vozes, ritmo, progressão dramática e articulação entre trama principal e histórias secundárias. Essas escolhas não foram acessórias, mas determinantes para o êxito do projeto. A existência de múltiplas versões do texto confirma que a narrativa foi construída por sucessivas operações de corte, rearranjo e refinamento formal.

O romance biográfico, portanto, emerge da integração desses três níveis. O jornalismo oferece o método; a literatura, a expressão; a narrativa, a forma. Nenhuma dessas dimensões, isoladamente, seria suficiente.

7. Metodologia

A construção de *Meu Caro Abdias* baseou-se em uma metodologia híbrida, situada entre a apuração jornalística, a pesquisa biográfica e a elaboração literária. O processo envolveu levantamento documental, consulta a acervos, análise de cartas, fotografias, textos e registros jornalísticos, além de entrevistas com pessoas que conviveram com o biografado em diferentes momentos de sua vida.

As fontes reunidas permitiram reconstituir episódios, contextos e traços de personalidade, mas também evidenciaram o caráter fragmentário de toda narrativa



biográfica. Por isso, a metodologia incluiu não apenas a coleta, mas também a seleção, a organização e a interpretação do material, com atenção tanto à relevância factual quanto ao seu potencial narrativo.

A elaboração do romance orientou-se pelo princípio da verossimilhança. Desse modo, a ficcionalização não se deu como invenção arbitrária, mas como forma de preencher lacunas e reorganizar os dados apurados em uma estrutura literária coerente. Assim, a metodologia articulou investigação, escuta e composição narrativa, de modo a sustentar a passagem da vida documentada à forma romanesca.

9. Considerações finais

A análise do processo de criação de *Meu Caro Abdias* permite concluir que a construção do romance biográfico dependeu de uma articulação consistente entre rigor investigativo e invenção formal. A obra demonstra que a apuração jornalística não se opõe à literatura; ao contrário, funciona como condição de possibilidade para uma ficção verossímil e eticamente sustentada. A pesquisa documental, as entrevistas, o levantamento de fontes e a organização minuciosa do material forneceram a base concreta sobre a qual se ergueu a narrativa.

Ao mesmo tempo, o projeto evidencia que o simples acúmulo de informações não basta para construir uma vida em forma de livro. Foi necessário recorrer a procedimentos literários e narrativos capazes de converter fragmentos em trajetória, documentos em voz e memória em cena. A escolha do diálogo, da estrutura não linear e do desdobramento do personagem em diferentes tempos de si mostrou-se decisiva para produzir uma abordagem mais complexa da identidade e da experiência.

Desse modo, *Meu Caro Abdias* afirma-se como exemplo de escrita híbrida, em que o jornalismo fornece o chão factual, a literatura confere densidade expressiva e a



narrativa organiza a experiência do leitor. Mais do que contar uma vida, o romance biográfico, nesse caso, revela um modo de narrar o real sem abrir mão de sua complexidade.

10. Referências Bibliográficas

- ANDRETA BELGINI, Cyntia. **Análise de três romances do jornalismo-literário**. Anais do Seta: Campinas, 2008. Disponível em: <<http://caminhosdoromance.iel.unicamp.br/revista/index.php/seta/article/view/334>>
- BARTHES, Roland (Org.) et al. **Análise Estrutural da Narrativa**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BERTASO, José Otávio. **A Globo da Rua da Praia**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2012.
- BISSOT SCHIMIDT, Benito. **Construindo biografias... Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos**. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC/FGV: 1997. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2040/1179>>
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade, lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CALDAS, Breno. **Meio século de Correio do Povo, glória e agonia de um grande jornal**. 1.ed. Porto Alegre: 1987.
- CASTELO BRANCO, Lucídio. **Da memória de um repórter**. 1. ed. Porto Alegre: Age, 2002.
- CASTRO DE ALENCAR, Mariana. **Biografia ou romance histórico, real ou fictício? Breve reflexão acerca de elementos literários e historiográficos em Bruce Chatwin**. Revista Literária Mafuá, Florianópolis, n. 18, 2012. Disponível em: <http://www.mafua.ufsc.br/numero18/ensaios/biografia_ou_romance_historico_real_ou_ficticio.pdf>
- CHIAPPINI MORAES LEITE, Ligia. **O foco narrativo**. 10. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- DILLENBURG, Sérgio R. **Correio do Povo, história e memórias**. 1. ed. Passo Fundo: Ediupf, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 21 .ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- GALVANI, Walter. **Olha a Folha. Amor, traição e morte de um jornal**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- GARCIA M, Othon. **Comunicação em prosa moderna**. 27. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.
- LAGO, Cláudia (Org.); BENETTI, Marcia (Org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LE GOFF, Jacques. **A história nova**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- MORAES FERREIRA DE, Marieta (Org.); AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- MOTA PEREIRA, Fernanda. **Entrecruzamentos do biográfico com o ficcional: os papéis do sujeito em Meu Amigo Marcel Proust Romance**. Congresso Internacional Abralic, São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/071/FERNANDA_MOTA.pdf>
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processo de criação**. 27. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.



PENA, Felipe. **O jornalismo literário como gênero e conceito**. Pesquisa registrada na Universidade Federal Fluminense, disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/77311256385591019479200175658222289602.pdf>>

PEREIRA, Fábio. **Jornalistas-intelectuais no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2011.